



GT 41. Etnografia nas cidades e narrativas imagéticas

Coordenador(es):

Jesus Marmanillo Pereira (UFMA - Universidade Federal do Maranhão)

Cornelia Eckert (UFRGS)

As cidades em suas complexidades e contradições, suas transformações e suas crises, suas dinâmicas e diferenças são questões antropológicas que receberam importante atenção nos estudos etnográficos. Pesquisas que ao portarem atenção aos antagonismos, aos conflitos e segregações consolidam a prática antropológica e produzem um profícuo debate com base em etnografias urbanas. Elas sinalizam a desnaturalização de realidades sociais, violências, injustiças, discriminações, e disjunções que marcam tais cenários. Não raro, focalizam-se sobre as formas de sociabilidade, os códigos de emoções, as redes de solidariedade, os lugares de identidades e sobre os nós de memórias nos espaços e nos tempos vividos pelos cidadãos, nas territorialidades de convívio ou de pertença. Ao atentarmos para estas produções, percebemos a recorrência à produção de narrativas imagéticas a partir de diferentes suportes como fotográficos, videográficos, fílmicos, sonoros, desenhos e performances. Produção que constitui a estética e estilística da etnografia, e que circula em outras formas relacionadas à pesquisa antropológica: exposições fotográficas, mostras fílmicas, expressões artísticas, audições, em redes sociais online e na web. Buscamos pesquisas que reflitam sobre o urbano, a partir de etnografias que dialoguem com tais representações imagéticas, que apontem para as relações de poder, configurações no campo de pesquisa, memórias e a complexidade das urbes nos diferentes contextos, locais e global.

Ser pibe não é delito: Discursos sobre violência policial e estigmatização da juventude periférica nos muros de Buenos Aires

Autoria: Luiza Fonseca de Souza (Uptime)

A partir de estudos de intervenções urbanas realizadas em estêncil e grafitti na cidade de Buenos Aires, na Argentina, pretendo com essa pesquisa explorar formas de se conhecer conflitos sociais presentes na cidade através do que é lido em seus muros. Tendo residido na capital argentina por cinco meses, realizando um período de mobilidade acadêmica na Universidad Nacional de San Martín, deparei-me em meus percursos diários com uma cidade marcada por uma variedade de slogans e desenhos que trazem sentidos políticos, desde reivindicações por memória e justiça no período ditatorial, até discussões eleitorais, denúncias aos efeitos do neoliberalismo e violência estatal, mais especificamente discursos sobre brutalidade policial no período democrático. Nesse contexto, me atentei a fotografar discursos que denunciavam o estigma e a violência vivenciados pela população jovem e periférica da capital, reunidos na categoria pibe. A utilização dessa categoria possui, no contexto local, significados destoantes; desde uma forma de chamar a crianças até um uso pejorativo, quando associa jovens marginalizados a perigo e a delito. Analiso as intervenções urbanas como forma de responder a essa estigmatização quando se apropriam do termo pibe, transformam uma categoria cotidiana numa categoria política ao denunciar a contínua violência promovida pelo Estado enquanto se demanda justiça no espaço público, como desenvolve o slogan ?Os pibes não são perigosos, estão em perigo.? Através dos slogans, busco compreender um contradiscurso que se fixa na cidade questionando a visão midiática, judicial e socialmente aceita de que os pibes, quando tratando-se especificamente de jovens, homens, frequentemente racializados e que vivem nas chamadas villas emergenciais, são possíveis sujeitos criminosos. O processo de significação de categorias que venho a analisar também se insere numa discussão mais ampla sobre formas de se fazer visível em contextos de marginalização e abre um debate sobre como categorias como vestimenta, questões de classe e raciais no



contexto argentino trazem repercussões materiais, através da perseguição policial e casos denominados como gatillo facil. Venho a entender o presente work como um exercício de compreensão de significados locais em diálogo com um contexto global. Tratando-se de um tema que se propaga nas grandes cidades da América Latina, o uso de métodos repressivos pelas forças de segurança vinculadas a homens jovens em contextos de pobreza se torna um paradigma urgente. A imagem do pibe, desde sua estigmatização aos casos de violência institucional, até a recuperação do termo enquanto forma de autoafirmação e inversão da ideia de quem está sujeito a ser perigoso/estar em perigo, molda uma identidade e uma disputa por discursos.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: